

Novo Brasil, um bairro sem água e energia elétrica

Uma escola singular, nos moldes típicos das existentes no interior do Estado, sem o menor incentivo do Governo, ainda pode ser encontrada na área da Grande Vitória. Trata-se da escola Walderedo Cardoso Rezende, que conta apenas com uma sala de aula para atender a toda a população escolar do bairro Novo Brasil, em Cariacica.

A escola funciona diariamente, em condições precárias, com quatro turnos, sendo dois matutinos, um vespertino e um noturno, com cerca de 200 estudantes na faixa etária dos 7 aos 10 anos e uma turma de adultos, no Mobral, que estuda com iluminação de um lâmpião, fornecido pela professora Raimunda Maria Porto.

A escola, apesar de ser "mantida" pela Secretaria de Educação e Prefeitura Municipal de Cariacica, não tem condição de fornecer a merenda escolar para as crianças há mais de um ano.

A professora Raimunda Porto afirma que as outras professoras, na época em que ainda existia a merenda, tinham que buscar os gêneros alimentícios na sede da Prefeitura, porque eles alegavam que não havia ninguém disponível para fazer o trabalho de transporte do material.

Ela acrescenta que as professoras moravam em bairros distantes de Novo Brasil e como até mesmo ônibus dando para ao local é difícil e elas não tinham condições de se deslocarem com o volume de alimentos para a merenda escolar, como acontecia todas as vezes que o estoque se esgotava.

Segundo Raimunda Porto, o rendimento das crianças nas aulas reduziram desde que a merenda deixou de ser fornecida porque em virtude do baixo poder aquisitivo da população, os alunos não podem ser alimentados adequadamente em suas casas. Por isso, está começando a haver uma evasão de alunos na escola.

Anteriormente, a merenda escolar era feita na casa de Raimunda. Ela era quem fornecia a lenha para o cozimento dos alimentos e temperos. As panelas eram emprestadas pelas

escolas de outros bairros vizinhos.

Ela alega que parou de preparar a merenda porque a Prefeitura de Cariacica e a Secretaria de Educação se negaram a dar as subvenções até mesmo as verbas mínimas possíveis para a aquisição de lenha e alguns objetos necessários.

Além de não ter cozinha também o sanitário funciona em condições precárias, a 20 metros da pequena escola e feito de madeira, descoberto e sem a menor higiene.

ENERGIA

Com relação a falta de energia elétrica a professora disse que os alunos do Curso Mobral, já com deficiências visuais, não querem mais frequentar as aulas, com medo de alguém invadir a escolinha no momento em que ficam distraídos prestando atenção na matéria dada. Eles têm que ficar sempre em guarda, na classe.

Para Raimunda a falta de energia na escola é um dos maiores problemas enfrentados pela comunidade, afirma que já houve casos em que estudantes foram atacados por ladrões quando saiam da escola.

O morador Maurílio Inácio Ferreira exibiu inclusive um documento em que a Espírito Santo Centrais Elétricas S/A (Escelsa) se comprometia em levar a energia elétrica até a comunidade.

— Depois, eles foram prorrogando a colocação dos postes e marcaram um prazo de 90 dias. Em seguida, o prazo aumentava ou então reduzia até que a população foi ficando sem esperanças e continua sem energia elétrica.

Acrescenta que antigamente, a comunidade se reunia para solicitar providências às autoridades, mas agora elas não

pretendem mais incomodar os que estão quietos e preferem cruzar os braços.

A insatisfação dos moradores foi em razão da atitude da Escelsa ao estabelecer redes de energia elétrica para o bairro próximo, o Roda D'Água porque três fazendeiros do local pagaram com antecedência e eles, que só vão pagar quando verificarem o benefício, a Escelsa não atende.

ACESSO

O bairro Novo Brasil está praticamente sem acessos, uma vez que as estradas, que só permitiam a passagem de um veículo por vez, estão totalmente destruídas há vários meses.

Existe uma ponte na localidade, construída pelos próprios moradores há cerca de dois meses, depois das fortes chuvas. Os meios que eles utilizaram foram os mais rústicos possíveis, ou seja, construíram-na com troncos de árvores.

Os próprios moradores colocaram uma placa proibindo o tráfego de caminhões com cargas pesadas pela construção, mas assim mesmo, alguns transportadores de produtos agrícolas que vão para a Ceasa procedentes de vários municípios do Sul, não hesitam em atravessar a ponte. Ela é uma espécie de limite entre os municípios de Viana e Cariacica.

ÁGUA

A falta de água e problema comum para todos os bairros da periferia. As comunidades são servidas por poços construídos em suas casas, mas nunca pela água da Cesan.

As pessoas que não têm condições financeiras de fazer as cisternas usam as águas poluídas do Rio Formate para todos os fins. Lavam a roupa, utensílios domésticos e ainda aproveitam para dar banho nas crianças.